



CONTOS DO NATAL (*Clichê do sr. João de Magalhães Junior*)

N.º 357 Lisboa, 23 de Dezembro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Ano, 48800 — Semestre, 28400 — Trimestre, 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43

Por seu poder sobrenatural

Este homem opera milagres

Os cegos enchemam, os paralyticos caminham. Os invalidos condenados pelos medicos, recobroão a saude graças a ele

NÃO HÁ MOLESTIA QUE ELE NÃO CURE

Ele suprime as dôres, sara as chagas, cura os crancos, a consumpção e os tumores, e opera maravilhas que confundem a medicina moderna e desafiam a explicação

Oferta notavel de consultação gratuita feita aos doentes e aos aflitos. Ele os cura em suas proprias casas, sem val-os, tão facilmente como se estivessem em sua presença

«Correspondencia especial. As curas quasi que milagrosas, obt'das pelo metodo do sr. professor Mann, d'esta cidade, são de um carater tão sorprendente, que elas causaram uma viva curiosidade, uma imensa sensação e uma admiração colossal. Inumeras vezes ele tratou doentes que eram declarados incuraveis pelos medicos e conseguiu trazel-os à saude e à vida, do modo o mais incompreensivel. Seu metodo é envolto de profundo misterio. Pois é averiguado que ele não se serve de droga alguma prescrita pelos medicos. Ele pretende ter descoberto uma certa lei natural, que possui propriedades especiaes e desconhecidas até hoje; com a applicação d'estas propriedades, nenhuma molestia é incuravel. É estabelecido, por provas indiscutíveis, que o poder misterioso que lhe deu esta descoberta, lhe permitiu dar a vista aos cegos e o uso de seus membros aos paralyticos. Graças a ella, ele reanima a chama da vida que está quasi a apagar-se, em pessoas que estão à beira do tumulo e torna a dar a saude a doentes condenados por sumidades medicas mesmo. Ele parece exercer uma autoridade absoluta sobre as molestias que devastam a humanidade e parece dilar suas vontades à morte em pessoa. Seus conselhos são inteiramente gratuitos e se bem que a sua ciencia o ponha no caso de limitar sua pratica só a uma frequencia abastada e de adquirir assim uma grande e rapida fortuna, elle prefere dar gratuitamente seus conselhos a todos, sem distincção de classe nem de fortuna.

«Sou dono da minha descoberta, diz elle, e faço aproveitar a quem bem me parece. Posso curar com a mesma facilidade a tuberculose, o cancro, a paralisia, a albuminuria, a neurastenia ou qualquer molestia chamada incuravel, como posso curar o reumatismo, os embaraços gastricos, o catarro, o envenenamento do sangue e as outras molestias que afetam o organismo. Tenho igual satisfacção em dar meus conselhos ao pobre como ao rico. Quando se trata da saude, o dinheiro cessa de ser um fator importante a meus olhos.

«Eu trato o principe e o mendigo no mesmo pé de equaldade. Para mim todos são eguaes, como deante da lei; não faço nenhuma differença social entre meus doentes. Se quero prodigalizar meus cuidados a todos indifferentemente, nada me impedirá de fazel-o. Direi mais: continuarei a cuidar de meus doentes com estes principios todo o tempo que fór capaz de fazel-o. O que os outros fazem ou deixam de fazer, não me saberia influenciar. Sinto que é meu dever de curar aqueles que soffrem; não posso deixar meus semelhantes lutar em vão contra a molestia quando está em meu poder o alivial-os. Pois afirmo de novo que não existe molestia que eu não possa curar.

«Esta affirmacção pôde parecer ousada! Talvez o seja, mas não o é mais que a verdade mesmo. Conheço a força maravilhosa que está em minhas mãos, porque a puz em prova inumeras vezes. Vós sabeis que a tísica pulmonar é considerada incuravel; pois não ha muito tempo, uma donzella, Miss H. L. Kelly, foi informada pelos medicos que era atacada de consumpção e que seus dias eram contados. Na opinião d'estes medicos, o mal era incuravel. A pobre rapariga se desesperava. Pois eu a curei, embora contra o veredito da facultade; curei seus pulmões e tornei a dar ao seu corpo emaciado as feições de out'ora. Uma senhora de Montbéliard, atualmente sob meus cuidados para a mesma terrivel molestia, me escreve que ella

está quasi curada, e com pouco poderei contar com mais uma victoria na minha luta contra a morte. Ninguém pôde avaliar a satisfacção que tenho de roubar ao tumulo a preza que elle reclama; é impossivel compreender o regosijo que se apodera de mim n'esta dominação absoluta que exerço sobre a morte.

A terapeutica moderna jámais curou o cancro. A cirurgia opera, mas o cancro volta sempre e traz sempre a morte, lenta mas seguramente. Curo o cranco, e isto sem o emprego do bisturi. Não preciso cortar as carnes nem serrar os ossos; meu tratamento é facil, agradável e não causa dôr alguma, entretanto que o mal desaparece. Uma de minhas pacientes, Mma. Melen, soffria d'este mal terrivel: ella já via deante de si a morte horrenda, mas entregou-se a meus cuidados e ficou completamente e radicalmente curada.

A paralisia é outra molestia suposta incuravel. Sr. A. Tournant soffria d'este mal terrivel. Com poucos dias apenas de tratamento, elle pôde deixar o carrinho que não tinha abandonado durante oito annos. — Sr. Etienne Ducret ficou curado em oito dias de uma neurastenia de que soffria havia onze annos. Sr. Ducret clama por toda a parte que eu fiz um milagre em seu favor. — Havia mais de trinta annos que o sr. René Larcher padecia de reumatismo articular; elle não podia mais caminhar, não comia mais, engordava muito e toda a especie de trabalho tinha-se-lhe tornado impossivel: elle curou-se completamente com quinze dias de tratamento.

Sr. Cristobal Garcia era cego, havia seis annos, em consequencia de cataratas que afetavam ambos os olhos; em cinco dias elle ficou curado sem a menor intervenção chirurgica.

Os casos que acabo de citar são os que me veem à mente de momento, entre as centenas de casos mais ou menos identicos que estão arquivados no meu cartorio; se os cito, é apenas para provar que não existem molestias incuraveis. Estas molestias eram incuraveis até à descoberta de meu metodo; ellas não o são mais hoje.»

—Mas como é que opera essas curas maravilhosas? Como é que possuites este extraordinario poder?

«Ser-me-ia preciso uma explicação longa demais para esclarecer tudo isso; mas aqui tendes um livro que escrevi e no qual descrevo minha descoberta e meu modo de curar os doentes; eu não vendo este livro, mas sim o distribuo ás pessoas que se interessam por meu metodo; eu mando-o gratuitamente a todos aquelles que m'o pedem. Além d'isso, a toda a pessoa doente que me escreve, indicando-me seu sexo e descrevendo os sintomas de que soffre, envio o diagnostico de sua molestia, junto com o meu livro intitulado: *As forças secretas da natureza*. Dir-lhe-ei tambem a causa dos sintomas de que sofre atualmente e o modo de obter a sua cura pela Radiopatia. Abri em Paris um escriptorio para a correspondencia. Basta, para receber todas estas informações escrever uma carta dirigida ao sr. G. A. MANN, Secção n.º 2:012 G. clé, Rua do Louvre n.º 48, Paris. A todos os que me escreverem darei a prova evidente do poder que possuo.»

—Quereis assim dizer que todo o mundo pôde, sem excepção, se prevalecer d'esta oferta graciosa?

«Digo absolutamente o que penso e farei absolutamente o que digo: Todos os que me escreverem receberão meu livro, o diagnostico da sua molestia e a prova do meu poder a titulo absolutamente gratuito.»



O NATAL E AS CREENÇAS

As creancinhas!

Quantas mães, coitadas, não tremem por elas ao aproximarem-se os dias de festa! E quantas outras, pelo contrario, não anseiam por que esses dias cheguem depressa! Estas sonham vêr os filhos saltar-lhes ao pescoço, radiantes de felicidade pelas deliciosas surpresas que tiveram, pelos variadíssimos brinquedos, com tanta antecipação preparados ou adquiridos às ocultas; aquelas, tortura-as a idéa de que, enquanto os outros se enlevam n'uma profusão estonteadora de bonitos e de mimos, os seus não terão sequer que comer nem com que cobrir-se!

Ha festas, cuja celebração tem arrefecido, porque n'elas não entra o coração; outras ha que, embora se não tenham alterado atravez dos seculos, passam sem fazer sentir mais ao pobre o acúleo da sua miseria, sem alvoroçar de alegrias intimas o lar do



1—O enlevo dos pequeninos. 2—Felicidade perfeita. 3—Recordando o passado. (Clichés de Benoliel)

rico e insuflar-lhe a lembrança caridosa dos que sofrem.

Ha festas que se podiam apagar do calendario, porque facilmente se expungiam tambem dos costumes, sem deixar saudades nem bulir com melindres; mas ha algumas que, se as apagassemos n'ele, radicar-se-iam talvez com mais forca na vida dos povos. Fosse o paganismo ou o cristianismo que as vasasse nos moldes das suas crencas e da sua liturgia, a fórma pouco importa para a duração do que se gerou nos segredos da alma humana e n'ela vive ao abrigo de todas as transformações sociaes.

A festa do Natal! E' por excellencia a festa da familia, a festa da humanidade. Desde o palacio á choça, por perdida que esta seja no meio da serra'n'a, corre n'estes dias um fremito d'amor,



que a todos, presentes e ausentes, envolve na mesma especie de effluvio magnetico, no mesmo pensamento grandioso de solidariedade, no mesmo anhelo de felicidade reciproca.

E é em torno das crencas que se produz esse intenso movimento affetivo; são elas as rainhas da festa. Por isso esta é tão cheia de encantos intimos, de gorgeios de alegria, de vivacidades turbulentas e de innocentes brincadeiras como nenhuma outra. Ninguem cuida dos grandes, nem os grandes de si. Só se pensa nas crencas, n'esses adoraveis pedacinhos da nossa a'ma, que esvoaçam por toda a casa e pelo jardim, bafejados pelo pensamento constante de os vermos felizes.

Reca'cam-se as tristezas no fundo do coração, esquecem-se as maiores contrariedades da vida, as proprias dores físicas amortecem sob o esforço para se lhes não perturbar a

Os extremos da vida: 1 — Fiando aos 65 anc.
2 — Escolhendo bolos.
(Clichés de João de Magalhães).



alegria, n'este dia, com a nota triste das precarias contingencias d'esta vida. Nem elas nos deixam estar tristes, nem doentes. A saude do corpo é nas creanças tão comunicativa, tão transmissivel, como a saude do espirito. Não ha tristeza nem dôr que lhes resista quando nos deitam os bracinhos ao pescoço, quando nos cobrem de caricias e nos desafiam com o seu olhar meigo e fascinador para que não estejamos tristes nem desalentados, conseguindo até, com o seu poder magico, fazer de nós creanças como elas.

Se hoje se volta a preconisar a antiga cura pela musica, pelas estampas, pelas historias sãs e divertidas, devemos concordar que, fóra do campo clinico-farmacéutico, ainda não ha nada de seguros efeitos terapeuticos para as dôres moraes e fisicas dos paes como os carinhos dos filhos.

Por esta noite frigidissima de Nata! entremos n'um d'esses lares, onde viva uma familia numerosa e remediada, e d'onde a alegria transborde, a ondas de luz e de harmonia, para a atmosfera brumosa e congelada da rua. Como que por encanto todos ali se encontram reunidos, incluindo os que andavam longe e que não faltam, sejam quaes fo-



1—O leito de Bêbé é o enlevo da pequenita. 2—Cubiçando os brinquedos. 3—Sonhos impossiveis. 4—O presente do Natal. 5—A montra dos brinquedos. 6—Um automovel dificil de conduzir.



rem os sacrifícios de tempo e dinheiro, á santa e saudosa reconstituição do velho ninho disperso. O velho paralítico quer mesmo vir para ali na sua cadeira sem rodas, e, em comovedor contraste dos extremos opostos da vida, chega tambem a vir o bercinho com o recém-nascido. Até os mortos queridos parecem sorrir do alto das telas e dos carvões e integrar-se nas festas do lar, acariciados pelos olhares ternos dos que em volta d'eles se reúnem.

E ninguém se esqueceu das creanças, sobraçando os mais variados e extravagantes brinquedos, com que elas sonham, como se fosse o velho Natal que lh'os deixasse junto da chaminé ou do leito na sua visita misteriosa. Mas é por toda a parte; não é só na casa do rico ou do remediado que a familia se reconstitue o melhor possível n'esta noite singularmente festiva. Não ha por esse paiz, não ha por esse mundo fóra, quem se não esforce para sacudir as tristezas do seu lar, ainda que não seja senão fazendo chamejar um madeiro na lareira, sentando-se todos á volta a deliciar-se com os pitorescos contos do Natal, tão encantadoramente privativos das avósinhas.

As mães então, as pobres mães,

fazem prodígios para desentranhar da sua pobreza coisas mínimas, a que o seu coração e o seu poderoso instinto sabem imprimir um valor, que não ilude deliciosamente só as crianças, mas ainda a todos nós. Um brinquedo velho ou partido que o rico deitou fóra, uma boneca de trapos e outras coisas insi-

nada puderam conseguir para os filhos que jazem tristemente junto d'elas, ainda lhes resta, e com razão, uma esperança.

Esses desgraçadinhos não terão certamente, ao acordar, os brinquedos que viram durante o dia nas montras e lhes perpassam agora nos sonhos em visões



Uma festa antes do sacrifício

(Cliché Federico Buendia)

gnificantes adquirem sob as suas mãos amorosas e estranhamente engenhosas o brilho do que de mais apetitoso pendem da árvore do Natal nos grandes salões.

E aquelas, tão desventuradas que nem lume têm nas suas mansardas e

tentadoras, mas poderão ter que comer e com que se agasalhar, porque não há verdadeira mãe que, n'estes dias de festa, vindo, radiante, os seus filhos felizes, não se lembre de acudir ás que se torturam vendo os seus desgraçados.

A. M. F.

A EXPOSIÇÃO DE BORDADOS
DO
Suplemento de Modas

Uma das publicações de maior êxito em Portugal é, sem duvida, o *Suplemento do Seculo de Modas e Bordados* que, ao aparecer, foi desde logo dileto do publico feminino, alcançando muitos milhares de assinaturas.

Sendoa nda uma revista recente os seus progressos acentuam-se d'uma maneira evidente como o prova a sua esplendida exposição de labores fe-



1—Sr.ª D. Céu Beça.

Ha ali obras de arte verdadeiras, cousas em que se vê bem o cuidado que lhe dedicaram aquellas adoraveis obreiras, nos recantos das suas casas, mal imaginando que um dia elles appareceriam assim aos olhos do publico n'um incentivo ao trabalho, n'uma nota artistica d'um alto valor e d'uma enorme significação. Um juri especial classificou esses belos trabalhos segundo as



2—Um trecho da exposição.

mininos onde a vista se prende d'uma maneira invencivel.

São os excellentes e difíceis bordados a branco, os arrendados em lenços, em toalhas, em almofadas, os cortinados levisimos, como espuma, toda uma serie de cousas preciosas saídas de lindas mãos femininas e que, sendo joias, são ao mesmo tempo adoraveis passatempos para as suas gentis autoras.

suas qualidades, sendo conferidos premios valiosos ás mais classificadas expositoras.

Nunca uma concorrência tão numerosa se viu em exposições d'este genero, que se vão continuar por iniciativa da excelente revista que, por parte da distinta professora, sr.ª D. Ceu Beça, teve uma magnifica colaboração ao organizar este inolvidavel certamen.



Alguns dos notáveis trabalhos da exposição.—(Clichés de Benoiel)

O NATAL E OS PINHÕES



Avisinha-se o Natal, e já no concheio dos serões familiares, por estas ríspidas noites de invernã, que convidam aos calmos prazeres do lar, se joga o *rapa*, que é, para as famílias do norte, o jogo classico da epoca, sucedaneo querido, por algum tempo, do *quino* e da *bisca*.

A gente da casa, com os pés bem envolvidos em agasalhos, fórma, aconchegada e feliz, em volta da mesinha redonda, onde bate em cheio a luz do candieiro, e o *rapa* rodopia toda a santa noite, sucessivamente, oferecendo aos ingenuos jogadores as suas quatro faces, em cada

Um magnifico pinheiro manso—Cliché do sr. João de Magalhães Junior.

uma das quaes aparece uma das quatro letras iniciais R. T. P. D., legenda misteriosa que quer dizer apenas — Rapa—Tira—Põe Deixa.

Taes são as palavras sibilinas que fazem vibrar os candidos pontos d'essa roleta innocente, Monte-Carlo familiar onde os lucros ou perdas são—pinhões. Os pinhões são, pois, a guarda avançada do Natal.

Antes dos bisonhos perús que enchem as ruas, em bandos, nas primeiras semanas da quadra natalina, antes do saboroso mel, que a gente das aldeias vem oferecer aos glutões da cidade, em bojudos cantaros, os pinhões fazem a sua entrada nos mercados.

Discretos e humildes, veem dos montes circumvisinhos, onde gente pobre os foi colher, marinhandos pelos desgrenhados pinheiros

mansos, que estes frigidões vendavaes de invernia agitam e fazem estremeecer pesadamente.

Na tarefa rude da colheita emprega-se a gente miseravel das aldeias, trabalhadores anônimos dos arredores das cidades, creaturas esfaimadas que recorrem aos pequeninos misteres ignorados, que não reclamam capital e que deixam ainda vagares para outros modos de vida, com que pesadamente vão arrastando o triste fado da existencia.

O mat rial é simples: uma velha rêde, que transporta a colheita, e um esgalho rijo de qualquer arvore, para varejar o pinheiro.

De manhã, logo aos primeiros alvões do dia, eil os a caminho, por interminas estradas, que a neblina pulverisa de fumos alvos e onde a nortada fustiga a pele, nos seus barbaros repelões inclementes.

A's vezes, é tão densa a bruma que a larga côma dos pinheiros some-se lá no alto, entre as nuvens densas da



1—A caminho do pinhal. 2—Começa a tarefa para a apanha das pinhas. 3—Recolhendo as pinhas.—Clichés Alvaro Martins.

lheiro venha surpreender a tarefa, para que o dono do montado, que também se ergue cedo, não dê pelo roubo.

Pois se as pinhas lhe fazem falta no lar, que todo o inverno esbraseia e o furtivo assaltante lhe destróe as sementeiras com os seus pesados sapatos remendados!

neve condensada, e, ao açoite do varapau, uma chuva de gelo precipita-se sobre o desgraçado e vara-lhe as carnes, mal protegidas pelos miseráveis andrajos com que se abriga.

Mas é preciso andar ligeiro, não deixar que o sol coscovi-

E vá de fustigar o pinheiro, que, às vezes, resiste e obriga a grimpar até lá ao alto, onde o frio é ainda mais cortante e onde as pinhas se ocultam, entre a ca-



1—No regresso do pinhal. Cliché Alvaro Martins.
2—Britando as pinhas.
Cliché do distinto amator sr. João de Magalhães Junior.

ruma, perlas do orvalho matinal. Despenham-se cá em baixo, entre as urzes e esgram no desesperado amplexo que o cinge ao aspero tronco do pinheiro.

Depois, em casa, acende-se o brazeiro e vá de estorricar

as pinhas, para que os pinhões possam ser lavados em abundantes águas, de modo a libertal-os do escuro pó que os reveste e que, no entender do povo, dá origem á tinha e faz cair o cabelo.

Mais tarde, bem acondicionados em sacos, veem para os mercados da cidade, onde se expõem, protegidos com a sua dura casca ou, descascados, em longos rosarios, entremeados de figos ou uvas-passas, que são o enlevo e a tentação da petizada lambareira.

Mas não são só os bambinos animados dos ricos nem os *gavioches* da rua que consomem os saborosos pinhões tão trabalhosamente roubados aos bojudos pinheiros mansos: os confeiteiros utilizam-nos tambem, para adorno e condimento de certos manjares, e a gente grande não os dispensa para o jogo favorito do *rapa*, como não dispensa os feijões para o *quino* dos largos serões do inverno agreste, que convida aos calmos prazeres do lar...

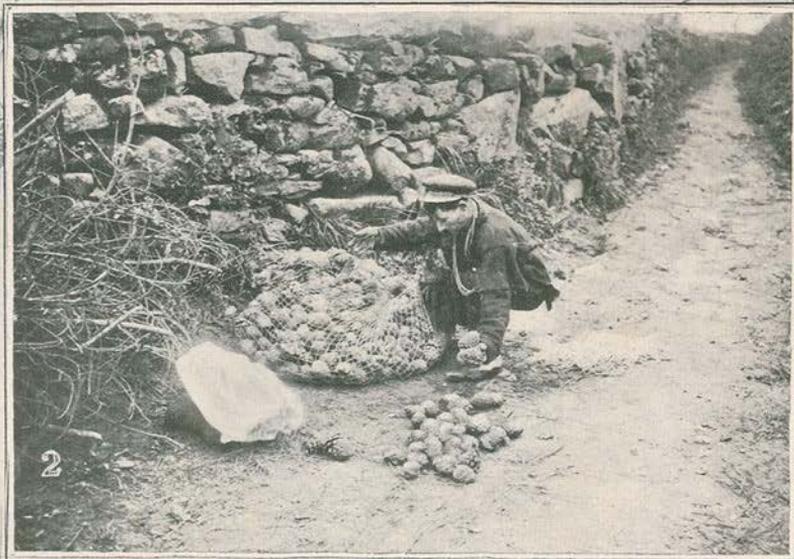
O Natal está á porta!

Os pinhões fizeram o seu aparecimento...

Porto, dezembro de 1912.

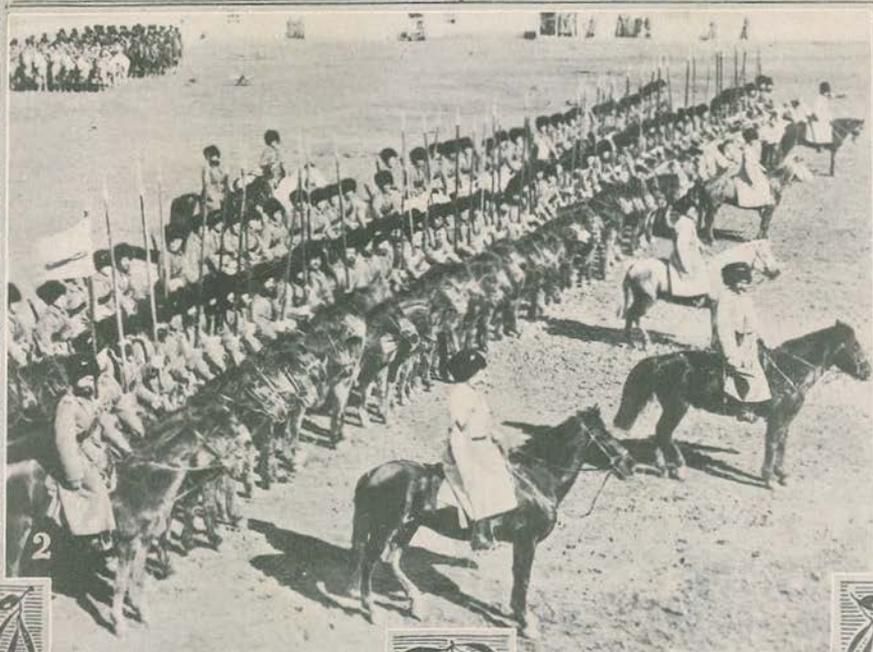
C. de C.

1—Um belo ramo.
Cliché do sr. João de Magalhães.



2—Ultimos preparativos. As pinhas para a venda.

A guerra dos Balkans



1—A mobilização da Austria e da Russia. Posto d'artilharia russa na fronteira. 2—Equadrão de cossacos mobilizado esperando a ordem de partir para a fronteira.—Clichés do Archives du Miroir.

mundo pergunta o que
vae sair dos
seus conciliabulos.

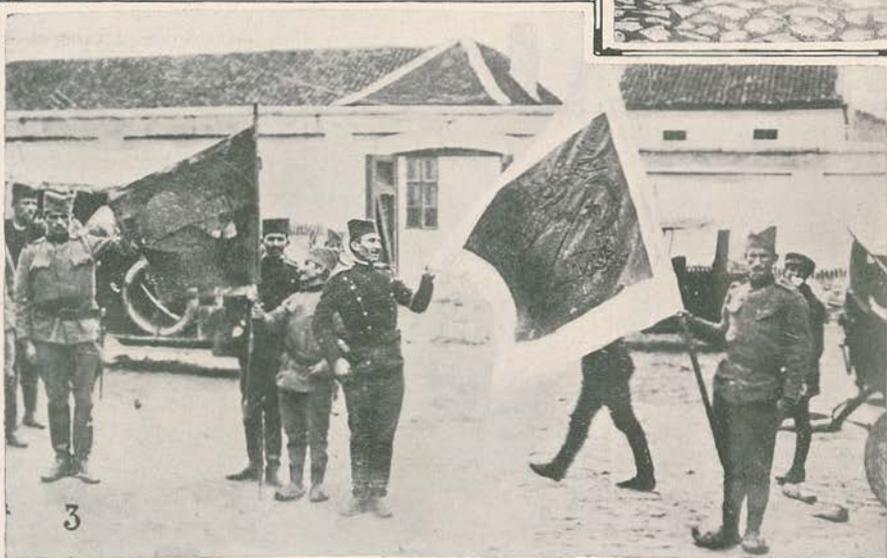
A guerra a
continuar?!
A paz de que
toda a Europa
carece?!



A questão dos Balkans parece ter entrado na sua fase de acalmia umas vezes, outras, como um vulcão erupindo de quando em quando, alarma.

Os plenipotenciarios reunidos em Londres poderão decretar a paz, mas a Austria mostra-se irrequieta diante do embaixador que a Servia lhe enviou e a Grecia sempre desconfiada dos seus aliados na guerra.

Fala a diplomacia a sua linguagem calma, discute no segredo do palacio de Saint James, em Londres, e o



1—O palacio de Saint James, em Londres, onde se reuñem os delegados balkanicos. Cliché Chasseau Flaviens.

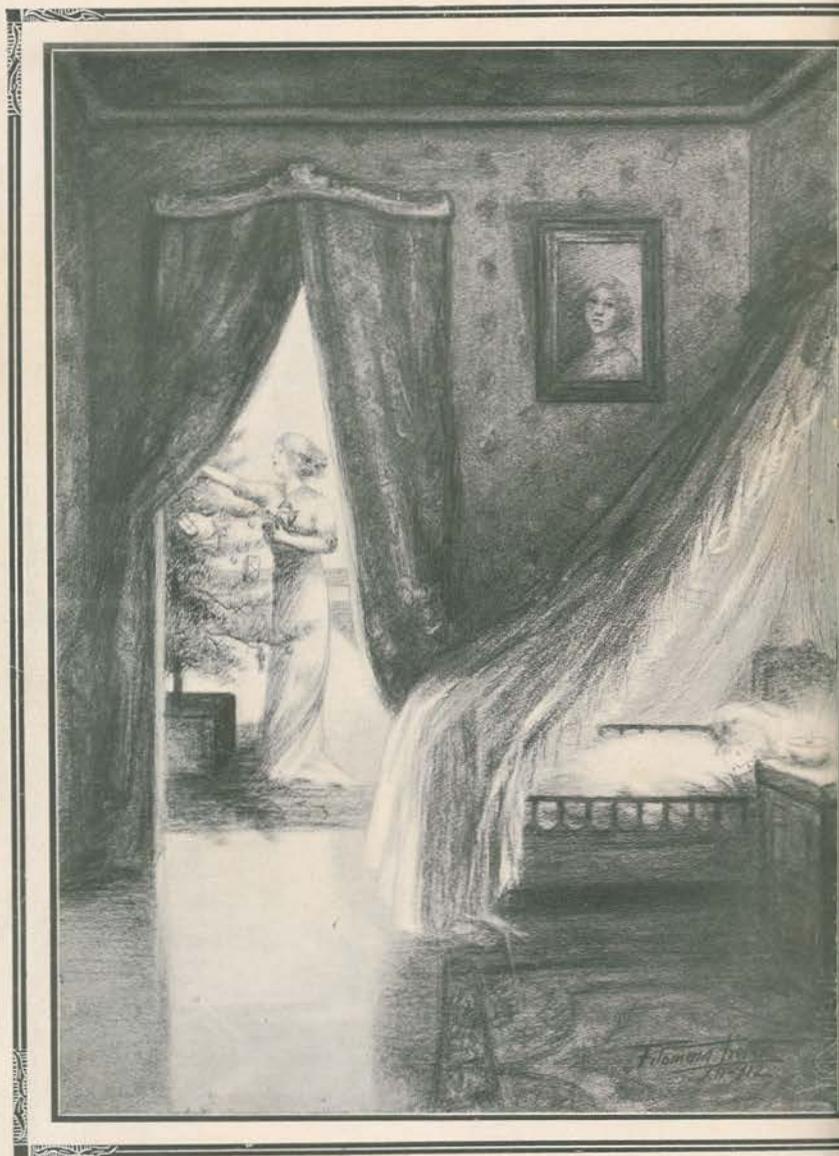
2—O sr. Vernich delegado da Servia á conferencia de Londres.

3—Officiaes e soldados servios mostrando os estandartes tomados aos turcos. Cliché do Archives du Miroir.



○ NATAL—O sonho das crianças

Desenho a carvão de D. Filomena Freitas.



ESTRELAS DE PARIS

Julie

Na *Bagatelle*, a nova peça de Paul Hervieu que a Comédie Française está representando com o maior dos êxitos, madame Bartet, a divina Bartet, tem um papel que deve contar-se como dos mais perfeitos da sua carreira gloriosa. Publicamente o autor da peça lhe prestou a melhor homenagem nas seguintes palavras da

1

1—Madame Julie Bartet.

Cliché Boissonas et Taponier.

Bartet

é ser chamado á admiração perfeita deante de uma argila onde se incorporam, vivas, a tragedia grega e a comedia franceza.»

Tal é a opinião geral. E ninguém teria mais autoridade que Paul Hervieu para a formular.

R. de C.

maior justiça e da mais sobria eloquencia:

«Vinte linhas a respeito de madame Bartet... não bastam para começar o seu elogio, mas chegam á justa para inserir tudo o que sei de criticas que lhe têm sido feitas.

«Uma vez, em 1897, quando ela representava a cena da mãe e da filha no terceiro ato da *La Loi de l'Homme*, alguém, no palco, me disse:—A sua voz atinge aqui profundezas de onde eu creio sempre que ela se não levanta mais!

«Uma outra vez, em 1903, na imensa sala do Palacio do Eliseu, alguém, perto de mim, estava impedido, pelas condições da acustica e pela distancia, de ouvir o que exprimia sobre o estrado a grande artista.—Não é teatro murmurou ele, é estatuaria.

«Eu estou de acordo com esse dois comentarios, porque, escutando os acentos tragicos de madame Bartet sem a vêr, pode-se sentir o terror sacro dos que apuravam o ouvido para o abismo da sibila; e ao vêr os seus movimentos sem distinguir as suas palavras pensa-se reconhecer uma escultura de Tanagra, uma irmã das elegantes Nereides em marmore do templo de Licia.

«Mas escuta-a vendo-a, vêr madame Bartet ao escutá-la



2—Madame Bartet. Cliché Reutlinger.



3—Madame Bartet. Cliché Reutlinger.

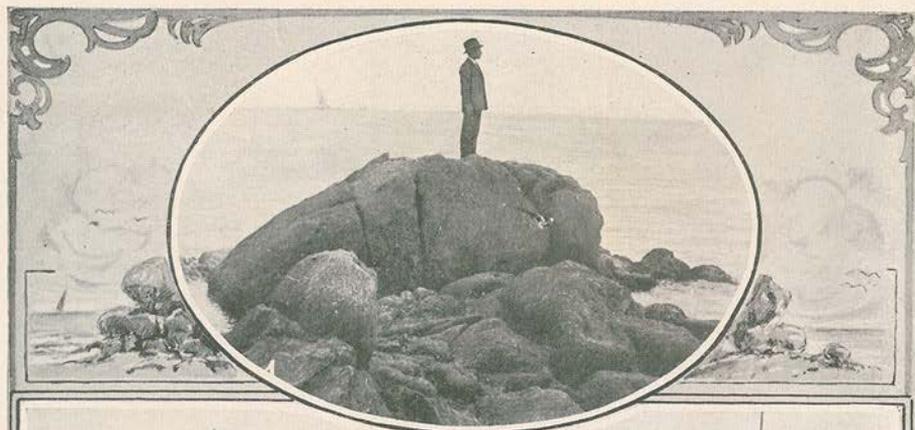
Na Povoada de Varzim

Esta linda terra que demora em frente ao mar e do mar se inspira para dedilhar, em noites luanças, canções e serenatas dolentes, que transportam a alma das lutas laboriosas da vida para os devaneios do sonho, como disse um intelectual da nova geração, tem n'esse mar toda a sua vida e d'ele necessita tirar o necessário para o seu desenvolvimento.

Terra cheia de encantos, fazendo-nos idealisar fantasias nas noites poéticas e de luz, quando a lua esparge os seus raios sobre o mar tão suave e tão manso, bem merece, como nenhuma outra, as atenções dos que dirigem os destinos e os progressos da nossa querida patria.



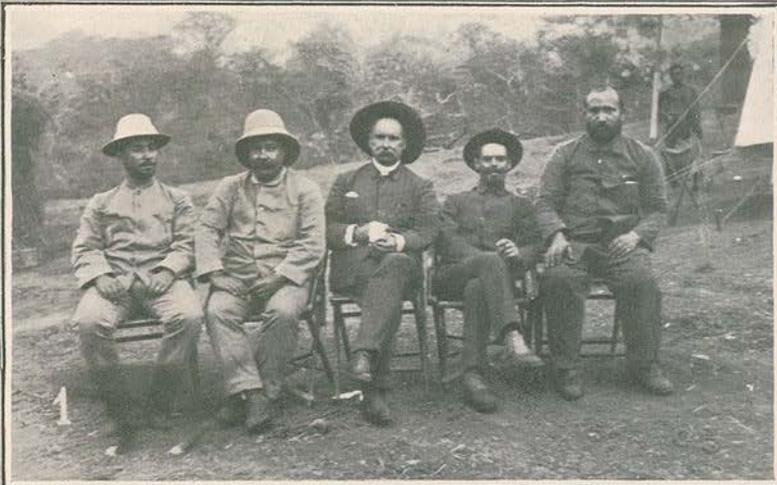
1—Aguas douradas. 2—Trecho d'uma linda praia.



1—Sobre os penedos. 2—Aguas benéficas. 3—Penhascos á beira mar.
Clichés do distinto amador fotografico sr. João Pereira.

VIDA COLONIAL

Prolongamento do caminho de ferro de Malange



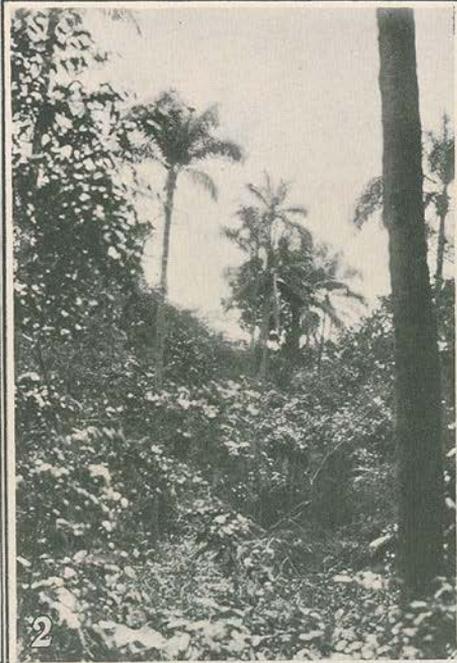
1.—Estudos do prolongamento do caminho de ferro de Malange alem de Quela para o rio Lui. Ao centro o engenheiro sr. Armindo d'Andrade tendo á direita o condutor sr. Otávio Machado e á esquerda o con-

A exploração completa da linha de Lucala a Malange, na sua extensão de 140 kilometros, começou em 1 de setembro de 1909, tendo dois anos antes começado a exploração do troço do Lucala a Mate-te (85 kilometros.)

Em 1911 completou-se o estudo de Malange ao posto do Xissa, n'uma extensão de 70 kilometros. Dirigiu estes estudos o sr. engenheiro Amavel Granger.

O traçado oferece pequeno cubo de movimento de terras e tem apenas duas pontes de dez metros de vão cada uma.

Anteriormente tinham-se efetuado varios reconhecimentos. Um d'estes, feito pelo sr. engenheiro Pedro



Alvares, foi por Catala-Caginga até o Cuango;

Outro, devido ao sr. capitão Montalvão, seguiu pelo vale do Cuige até as nascentes do Lui.

Em fevereiro de 1912 realizou-se em Malange uma conferencia presidida pelo sr. Governador da Lunda, Ultra Machado, na qual tomaram parte os srs. engenheiros Costa Serrão, Armindo de Andrade e Pinto da Veiga e o capitão Pereira de Azevedo. Concluiu-se: 1.º—a necessidade urgente de continuar a construção do caminho de ferro, como tão reclamado é pelo commercio de Angola, para desenvolvimento agricola e dos gados do planalto, avanço da base de operações

2.—Leito do rio Caculo.

militares e comerciais da Lunda, e da linha de penetração africana, para a fronteira belga, em benefício do porto de Loanda; 2.º a execução imediata dos estudos do caminho de ferro para descer a vertente oriental do planalto na cordilheira de Tala Mugongo, que se mostrava cheia de dificuldades técnicas.

A ocupação acabará de se firmar até o Cuanjo, devido á expedição militar comandada pelo sr. Utra Machado.

Exposto o assunto ao sr. Cerqueira de Albuquerque, ministro das colonias, autorizou que se fizessem os estudos. Estes acabam de ser concluídos com o mais lisonjeiro resultado, pelo sr. engenheiro Armindo de Andrade, diretor do caminho de ferro



1—Soba do Cangombi.

de Malange e brigada ás suas ordens.

O traçado começou n'um ponto a 12 kilometros a SO de Quela e segue pelo rio Bale, mede 40 kilometros e vence um desnivel de 416 metros. Esta descida é feita nos primeiros 22 kilometros, havendo n'este troço um patamar intermedio. Nos 16 kilometros ultimos o terreno é plano e o traçado termina por um alinhamento de 12 kilometros em Quinzongo, proximo do rio Lui.

Os primeiros 12 kilometros são em terreno acidentadissimo e coberto de

densa floresta que se assemelha ao vale do Zondo na linha de Ambaca.

Alguns sobas da região visitaram, com a maior cortezia, a brigada de estudos.



2—Soba Gomza e teus macatas de visita ao acampamento de estudos.

FIGURAS & FACTOS



1 — Capitão de estado maior sr. Mario de Campos, que fez uma conferencia na Associação Commercial de Coimbra sobre a «Guerra dos Balkans» a obra do marechal von der Goltz e o seu successo.



2 — Sr. dr. Veloso Rebelo, illustre 1.º secretario da legação do Brazil, nomeado socio honorario da Associação dos Advogados de Lisboa.



3 — O novo ator Garcia Perez, que se estreou no papel de Wendelin Pack da peça «Marido para tres mulheres», em cena no teatro Avenida.

Tem aparecido ultimamente nos nossos teatros actores novos, alguns de decidida vocação não só no genero dramatico mas em todos os outros e que com o tempo hão de conseguir logares de destaque, pois as suas estreias assim o tem demonstrado. Entre eles figura o sr. Garcia Perez, que se estreou no Avenida na peça *Marido para tres mulheres*.



4 — O grupo Sport Club de Benguela. No 1.º plano srs. Lino Pereira, Tiberio Coelho, Manuel Antunes, João Paes e Muriselo Oeiras; no 2.º plano srs. João Silva, Luiz L. Jesus, A. Lima; no 3.º plano: srs. Otavio Silva, Luciano Sariva, C. L. Barley (captain).

Os sargentos Abel Sequeira Paiva e José Nunes da Mota foram condenados no tribunal de Santa Clara, acusados de terem incitado o exercito á desobediencia, espalhando manifestos perturbadores nos quartéis por ocasião das gréves.

O cabo Augusto Leal, que estava como eles acusado do mesmo delito, foi absolvido, reingressando no seu regimento.



A estreia do novo escritor teatral, sr. Rui Chianca, foi das mais auspiciosas, tendo sido freneticamente aclamado o final da sua peça *Aljubarrota*, que é baseada no trecho *A Abobada*, de Alexandre Herculano, e que vem no livro *Lendas e Narrativas*.

Teatralizado o episodio e enredado n'uma cena amorosa, eis a peça que o publico tanto aplaudiu no teatro da Republica.

1—O bandarilheiro João de Oliveira, falecido em 11 de novembro. 2—O julgamento dos sargentos José Nunes da Mota e Abel Sequeira Paiva, condenados a 3 anos e um dia de presidio, tendo sido absolvido o cabo Augusto Leal.



3—Uma cena da peça «Aljubarrota», que se representou no teatro da Republica.
4—Sr. Rui Chianca, autor da peça «Aljubarrota».

OS PERUS



denada raça do que a sua, sobretudo n'esta época do ano em que a conduzem como uma leva de emigrados para uma terra fatal. Os perusri-

1—Merca o caral de perús.

Os perus são aves tristes. Parece que arrastam um mau destino, como os forçados as grillhetas. Teem alguma coisa de pesaroso. Ha quem julgue que o seu pesar é ancestral, que vem de paes para filhos, exatamente como n'uma raça condenada.

Com efeito, não ha mais con-



2—O apreçar do peru classico. 3—Peru velho.

batejanos, nas margens do Tejo, na lezíria verde, debicam a ortiga como aperitivo á semente; um dia chegam uns homens, apalparamos, reunem-nos, e entre duas canas trazem-nos para a cidade. Começa o seu fadario. Atraz do bando andam a apregoar a sua sentença de morte; iniciam-se





Tomando o pezo

(Cliché Federico Buendia)

Vê-os passar é sentir tudo isto, mas é evocar também a mesa da família, as luzes, as cabecitas das crianças sorridentes, com os seus guardanapos ao pescoço, o vinho vermelho nos copos de cristal, as rugas d'uma avósinha que remexeu a sua canja como quem

também os *glu-glus* como vidos entre a casaria alta.

São n'este tempo forasteiros os perus e sente-se a sua nostalgia na maneira por que caminham sem garbo, o monco murcho, murcha e desmaiada a crista, por estes frios de dezembro.

Quando os levam para uma casa e começam a gosar do agasalho estão perdidos.

Uma mulher de mangas arregaçadas coloca-se na sua frente, uma lamina brilha e na pupila do condenado deve ficar esteriopada aquela matrona de braços roliços, sedenta do seu sangue, como se diz que, nos olhos d'alguns guilhotinados, se grava o ultimo espetuculo em que eles se fixam.

No mercado: gentil, uma placente e um



Uma creada vendedeira com peru condenado

re volveu saudosamente coisas do passado, os olhos em sonho, tudo isto em volta da travessa onde a ave loura, muito bem assada, espera que a trinchem, pondo a descoberto a sua carcassa que tantas varadas levou quando eles patinhavam as lamadas da rua.

O peru tem esta sorte inevitavel; nada a pôde deter, nem mesmo uma deliberação da especie, uma grêve, para emagrecer.

Até para isso ha remedio.

Rotschild —o rico— inventou um aparelho para os engordar á força.

Devia ser assim.

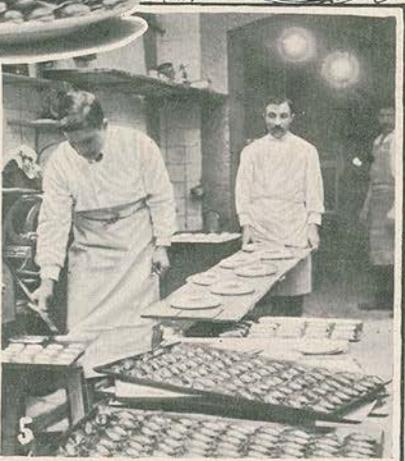
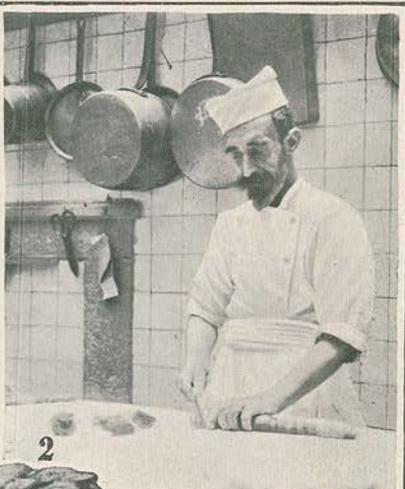
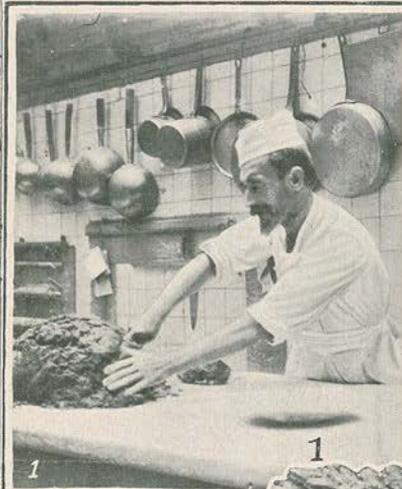
Os milionarios sempre dispuzeram e é provavel que continuem a dispôr do Perú.

As Brôas

Todos pedem brôas n'este tempo desde as creanças aos que por qualquer modo nos servem. A brôa não é só esse soboroso doce fabricado cuidadosamente no confeitiro, é tudo quando represente uma dadiva. A brôa é a esportu-

n'esta constante lufa lufa da existencia.

As que estão nas montras, loirinhas, com a sua capa de mel ou com o seu poalhado de grangeia não são ainda assim as mais custosas; as outras, as que se pagam como uma renda anual, como



1—A massa da brôa. 2—O cortar da massa. 3—Brôas para a mesa. 4—Brôas para o forno. 5—Nos taboleiros.
Clichés de Benoiel, feitos na pastelaria Benard.

la; a brôa é a gorgeta sem a qual ninguém se move de bom grado do Natal aos Reis. Entrou nos usos, fez-se um costume, passou a ser uma obrigação

um tributo do superior ao inferior, essas são as que mais custam a roer, a quem as dá. Eis um paradoxo que é uma suprema verdade.

As grandes vitimas do Natal

Um dos pontos mais importantes do programa das festas do Natal é o da matança dos porcos. Nas grandes cidades não se dá por isso. Os cevados aparecem dependurados ás portas dos talhos, sem alvoroço para as familias, sem nos terem incomodado com os gritos estrugidores da sua agonia, sem nós fazermos idéa de quanto eles custaram a crear e a engordar.

Por todas essas provincias, não ha casal por mais pobre, que não tenha pelo menos um porquinho, que se trata com o maior cuidado para no Natal estar grande e nedio e poder fornecer, além das morcelas e



No Natal — Fartoreando as vitimas nas vespéras do zulpicio. (Cliché João Magalhães).

dos torresmos para os dias de festas, carne de fumeiro e toucinho de salmoura, que ás vezes duram até ao outro Natal.

E é um dia de juizo o da matança do porco. Ainda de noite preparam-se os alguidares para lhe aparar o sangue, picam-se montes de cebolas greladas para as morcelas, arruma-se a carqueja bem seca para o chamuscar, repassa-se outra vez o fio da faca, uma infinidade de preparativos, e o grunhir aflitivo do animal, ao ser arrastado para a meza do sacrificio, não consegue comover ninguem.

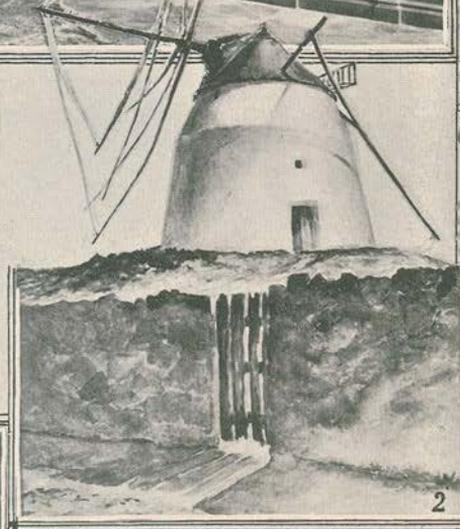
A exposição de João Cabral



1—Um aspéto da exposição.
2—Moinhos de vento.

João Cabral é um distinto artista que em successivas exposições tem demonstrado o seu real valor. Prefere os assuntos campestres, toda a vida da paisagem, desde os moinhos alvos aos rios parlando nas pedras dos seus leitos.

A sua recente exposição, instalada no palacio Foz, não desmerece das anteriores, tendo sido muito concorrida e vendendo o distinto artista muitas das suas aquarelas.



3—S. Ex.^o o Presidente da Republica
com o artista
(Clichés de Benoiel)



O chefe do Estado visitou tambem a exposição elogiando alguns dos trabalhos de João Cabral, que devotadamente a eles se entrega.

Figuras e Factos



- 1—A «kermesse» israelita em benefício das suas cozinhas económicas: As senhoras que venderam sortes.
- 2—O general sr. José Augusto da Costa Monteiro, falecido em 13 de dezembro.
- 3—Coronel sr. José Francisco Mendes Marques, falecido em 13 de dezembro.



4—Um aspeto do comício contra a guerra dos Balkans, realizado na praia da Junqueira, em 15 de dezembro (Cliché de Benoiel)

Sport

toi ainda o desafio entre *teams* da mesma agremiação vencendo o *team* branco.

Houve também corridas,



1

Duas belas festas desportivas se realizaram com êxito. Uma foi o desafio de *foot-ball* no campo de Palhavã, a favor da cantina de S. Sebastião e na qual se



2

- 1—Um trecho da assistência nas Laranjeiras.
2—Saltos em altura.
3—Um acêto do jogo.
4—O «*team*» do Sport Lisboa Benfica.

saltos em altura, lançamento de pezo e a corrida de 110 metros com barreiras assim como de estafetas por *équipes*.



bateram o Sport Lisboa Benfica e o Carcavelos Club, saindo o primeiro vencedor por dois *goals* n'essa luta renhíidissima. A outra festa comemorou o aniversário do Club Internacional e a sua mais importante parte



4